

O GARIMPO ILEGAL NA TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL EM RORAIMA

Data de aceite: 01/12/2023

Mara Cristina Maia da Silva

Doutora em Desenvolvimento Territorial
e Meio Ambiente - Universidade de
Araraquara

Henrique César Lopes

Mestre em Ensino de Ciências –
Universidade Estadual de Roraima-UERR

Danielle da Silva Trindade

Mestra em Sociedade e Fronteira –
Universidade Federal de Roraima - UFRR

Marcos Vieira Araújo

Especialização em Informática na
Educação - Universidade Federal de
Roraima - UFRR

RESUMO: Essa pesquisa nasceu de um estudo sistemático sobre os índios de Roraima, sua vida, seus costumes, sua interação amistosa com os não índios, de um lado, e o garimpo ilegal, predatório e vilão da natureza, de outro lado como consequência das suas atividades extrativas irregulares desenvolvidas na terra indígena Raposa Serra do Sol, com o beneplácito das autoridades estaduais e federais. O objetivo do artigo é mostrar as características ancestrais desse grupo

étnico mais conhecido de Roraima com suas respectivas localizações, população, meio de vida, costumes e tradições, entre outros aspectos da sua organização social. Por último, mas não menos importante, apresenta-se uma resenha crítica quanto aos impactos sócio-étnico-cultural e econômico sofridos pelos indígenas de Roraima através das invasões devastadoras de garimpeiros em seus territórios, principalmente na terra indígena Yanomami.

PALAVRAS – CHAVE: Índios de Roraima. Cultura. Conflitos. Yanomamis.

ABSTRACT: This research was born out of a systematic study of the Indigenous peoples of Roraima, including their life, their customs, and their friendly interaction with non-Indigenous people, and, on the other hand, the illegal and predatory mining activity damaging nature as a consequence of the irregular extractive activities developed in the Raposa Serra do Sol Indigenous land with the acquiescence of state and federal authorities. The aim of this paper is to show the ancestral characteristics of the best-known indigenous ethnic group in Roraima with their respective locations, population, way of life, customs, and traditions, among other aspects of their social organization.

Finally, we present a critical review of the social, ethnical, cultural, and economic impacts suffered by the Indigenous people of Roraima as a result of miners' devastating invasions on their territories, especially on the Indigenous lands of the Yanomami.

KEYWORDS: Mining. Indigenous land. Yanomami. Conflicts.

NAÇÕES INDÍGENAS E SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL NO ESTADO DE RORAIMA

É fundamental ressaltar a importância dos indígenas na cultura roraimense. Embora ofuscado por um conjunto de preconceitos e de estereótipos, o indígena vem contribuindo muito na cultura e na economia local. Ao contrário das controvérsias midiáticas e outras, os indígenas se interagem com a população não indígena e com as diversas culturas existentes em Roraima, porém priorizam seus costumes, crenças e valoriza o bem estar das comunidades.

Ao se fazer um recorte sobre os indígenas que vivem na zona urbana dos municípios roraimenses, cabe delimitar e compreender o conceito de território e de espaço. Segundo Raffestin (1993, p. 143) espaço e território não são termos correspondentes. O território (conceito sócio-econômico-cultural e, portanto, político) se forma a partir do espaço (conceito físico e geográfico, estático, por conseguinte), é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço concreto ou abstrato (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço".

Corroborando, Souza (1995, p. 108) afirma que "[...]o território encena a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo". A dinâmica territorial indígena de Roraima dos "aldeados e "desaldeados" constitui a sua territorialidade em diversos espaços do Estado e mais fortemente da sua Capital Boa Vista.

O território neste contexto não é entendido apenas como uma porção geográfica, mas como espaço produzido nas relações dos sujeitos entre si, com sua organização social, mas sobretudo a cultura do lugar. Segundo Santos (1997, n.p.) "o território é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais". A presença de indígenas no espaço urbano é algo bastante evidente, principalmente na cidade de Boa Vista - Capital. A interação dos indígenas com o ambiente urbano tem sido uma constante.

De acordo com dados do Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto de Geografia e estatística (IBGE) a capital roraimense possui 60.722 pessoas que se identificam como indígenas, ocupando a 5ª posição no ranking dos municípios com maior incidência de população indígena no Estado (IBGE, 2010).

Os índios que moram nas cidades não escondem sua origem indigenista pelo contrário, reforçam sua identidade étnica indígena pelo seu sentimento de pertencimento e

de defesa do seu grupo étnico. Tratando-se de etnias diferenciadas a identidade étnica está geralmente associada à coletividade, seja por grupos de identidade comum ou oposição. Corroborando com relação identidade heterogênea, Bourdieu (1989, p. 125) afirma que “[...] a conquista ou reconquista de uma entidade, mas a reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação de sua própria identidade [...]”.

Faz-se necessário refletir sobre a questão do “desaldeamento” dos indígenas, pois o fato dos indígenas residirem em áreas urbanas, não significa ruptura com seu povo, com sua etnia, uma vez que os mesmos mantêm contato com as respectivas comunidades étnicas das quais pertencem. De acordo com Silva (2009, p. 20) “as migrações ocorrem por um conjunto de razões, que combinam dificuldades no local de origem e expectativas em relação ao local de destino”. Reforçando a autora afirma “[...] o fluxo migratório dos indígenas para as cidades, está mediado por valores e normas peculiares da situação do contato destes com a sociedade envolvente”.

A pobreza e o preconceito sofrido marcam a condição da maioria dos indígenas que vivem nas cidades de Roraima, principalmente na capital- Boa Vista. As famílias dos indígenas geralmente se unem em comunidades nos bairros periféricos. A ancestralidade e referências dos indígenas sofrem preconceitos de diversas ordens, a ponto de muitos indígenas negarem a origem e suas referências culturais, o que comprometerá, com o passar dos anos, a sua unidade cultural.

Segundo Silva (2009, p. 56): “o contingente de indígenas, está, cada vez mais, presentes na população das cidades, que somados as populações já carentes, trazem consequências como o desemprego, falta de planejamento quanto ao desenvolvimento e inchaço nas periferias”. O número de indígenas na área urbana de Boa Vista – RR vem aumentando devido o fluxo de imigrantes provenientes das etnias indígenas do lado venezuelano.

De acordo com o CIMI por causa da superlotação dos abrigos indígenas um elevado número de imigrantes indígenas passaram a viver convivendo com a vulnerabilidade. Como é o caso de indígenas da etnia de Warao e E’ñepá em Boa Vista. CIMI (2019)¹ “Eles relatam que além de sofrerem com a falta de vagas no abrigo, de remédios e de comida, são alvo de humilhações constantes por serem imigrantes indígenas”. “[...] a cidade é um ambiente hostil para eles, pois perdem muito de sua identidade, mas tentam sobreviver [...]”. O texto da declaração dos Direitos Humanos (DUDH) afirma sobre a igualdade de todos os seres humanos em “dignidade e direito”.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2008) os indígenas têm o direito “a todos os valores humanos reconhecidos pelo direito internacional”. “Os povos indígenas possuem direitos coletivos que são indispensáveis para a sua existência, bem-estar e desenvolvimento integral dos povos”.

1 Fonte: <<https://cimi.org.br/2019/02/imigrantes-em-roraima-indigenas-warao-sem-abrigo/>> Acesso: Junho de 2021.

A imagem abaixo mostra Indígenas da Venezuela pertencente a tribo Warao vivendo debaixo de um pé de cajueiro em praça pública de Boa Vista – RR. Logo abaixo observa-se a imagem de uma família de indígenas também da tribo Warao sem abrigo vivendo em plena praça pública na cidade de Boa Vista- RR. O processo de migração de indígenas venezuelanos e roraimense para as cidades, principalmente para Boa Vista- Capital tem sido uma constante devido a situação de penúria com afirma Instituto socioambiental (ISA)² conforme matéria publicada:

A situação de penúria também corre em outras comunidades indígenas de Roraima. Os índios reclamam da falta de apoio do governo estadual e municipal que, segundo eles, não fazem a manutenção das estradas, nem constroem ou reformam escolas e postos de saúde, principalmente nas aldeias mais distantes dos centros urbanos (ISA. s.d.)



Figura 01- Imigrantes Indígena – Boa Vista/RR

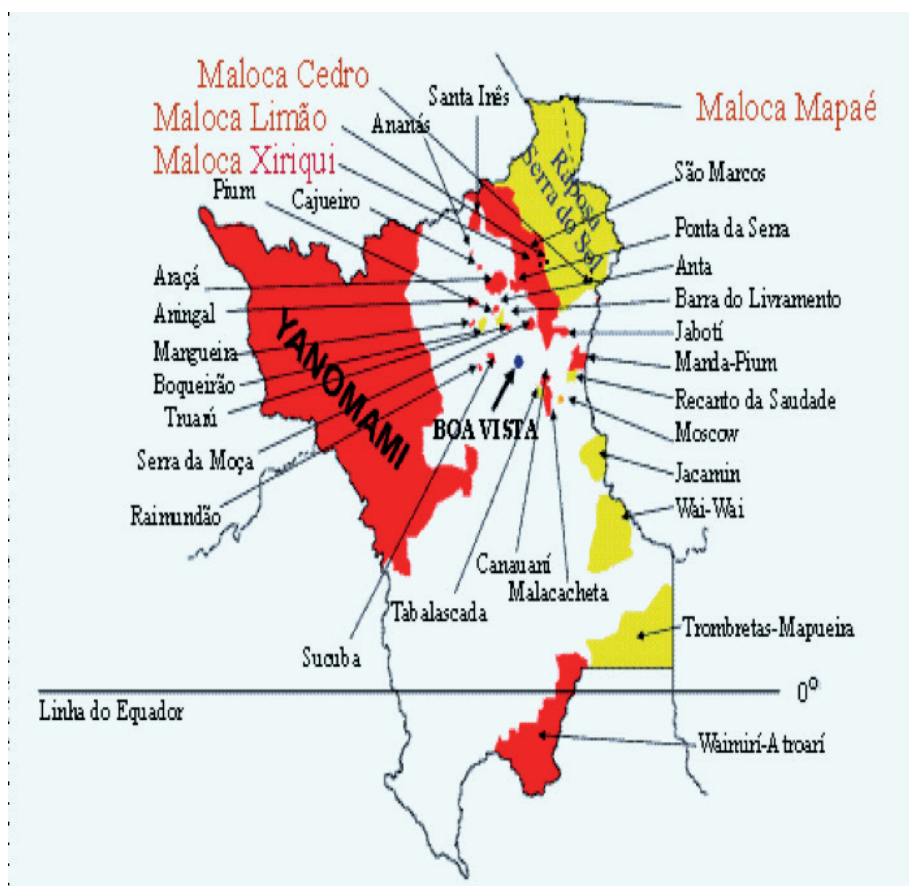
Foto Disponível em < Jaime C. Patias. <https://cimi.org.br/2019/02/imigrantes-em-roraima-indigenas-warao-sem-abrigo/> > Acesso: Maio de 2021.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE- 2019)³, Roraima tem o segundo maior número de localidades indígenas do Brasil. Segundo estudo

2 Fonte: <<https://terrasindigenas.org.br/es/noticia/132544>> Acesso: Junho de 2021.

3 Fonte Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/04/24/igbe-registra-mais-de-580-localidades-indigenas-em-roraima.ghtml>> Acesso: Maio de 2021.

do IBGE das 7.103 localidades indígenas do Brasil 587 estão em Roraima. Segundo matéria da Folha de Boa Vista (2016)⁴ “Roraima é o Estado brasileiro que tem o maior número de indígenas em terras demarcadas com 83,2%.



Mapa 01 - Roraima é o Estado que concentra a maior população indígena vivendo em terras demarcadas

Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/83-2--dos-indigenas-vivem-em-Roraima--diz-IBGE/17782>> Acesso: Maio de 202

De modo geral o estado de Roraima tem uma população indígena de aproximadamente 49.637 pessoas, divididos em: Yanomami, Ingaricó, Macuxi, Patamona, Taurepang, Waimi-Atroari, Wai-Wai e Wapixana. A maior concentração⁵ indígena fica na localidade de Uiramutã, ocupada por parte das TIs como 88,1% da população indígena, o município de Normandia com 56,9%, ocupa a segunda posição do ranking, seguida de Pacaraima com

4 Folha de Boa Vista. Matéria publicada no dia 01/07/2016. Fonte disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/83-2--dos-indigenas-vivem-em-Roraima--diz-IBGE/17782>> Acesso: Maio de 2021.

5 Fonte Disponível em: <<http://www.hutukara.org/index.php/noticias/476- proporcionalmente-roraima-tem-a-maior-populacao-indigena-do-pais>> Acesso: Abril de 2021

55,4% e Amajari com 53,8%. São faladas diversas línguas indígenas: Macuxi, Wapixana, Yanomami, wai-wai, Taurepang, Ingarikó, Ye'kuana, Patamona, Waimiri-Atroari, Sanuma entre outras.

1.1. Comunidades indígenas mais conhecidas de Roraima com suas respectivas localizações, população, meio de vida, aculturação, etc.

1.1.2. Taurepangue – Com uma população total do lado brasileiro de 792 pessoas, é um povo indígena que habita na fronteira Brasil-Venezuela, sendo que a maioria vive no lado venezuelano e os demais nas terras indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol. Suas atividades produtivas são basicamente a agricultura, pecuária e artesanato. A base da religião dos Taurepangues é a crença mitológica e seres espirituais. O Kanaimé é uma figura mitológica de grande importância para esses povos. De acordo com estudos de Koch Grunberge (2005, p. 70) “Kanaimé é “[...] o vingador da morte, que persegue o inimigo ano a fio até matar traiçoeiramente. Quase toda morte é atribuída ao Kanaimé. Existe uma crença muito forte nesse povo com relação aos seus heróis e um deles é a figura mitológica de Macunaíma ou como se pronuncia em Roraima, Macunaima que significa “grande mal”.

Entre os Taurepang e os Macuxi, verifica-se um padrão de estabelecimento altamente disperso com aldeias geralmente ocupando as margens dos cursos d'água secundários. Entre elas, o deslocamento dos grupos é intenso e o conhecimento relativo ao território é altamente sofisticado, não havendo qualquer acidente geográfico que não receba um nome, entre igarapés e formações rochosas. Se autoproclama como adeptos da religião adventista do 7º dia. O sábado é dedicado exclusivamente para a realização de cultos.

Os Taurepang têm como atividade econômica a caça, a agricultura de subsistência, a coleta de frutos. Quanto à pesca é uma atividade pouco utilizada, uma vez que esses povos vivem nas cabeceiras dos cursos d'água que deságuam nos rios Surumu e Parimé, região onde se localizam as nascentes desses rios, onde estão disponíveis apenas peixes pequenos e piabas.

Moreira (2013)⁶ ressalta:

[...] outra atividade é a caça e a pesca, atividades que os pais ensinam para seus filhos. Para que os filhos sejam bons caçadores, pescadores, alguns repasses de tradicional se preservam e se mantêm até os dias atuais. Colher alguns frutos da mata e não derrubar a planta, pois que ela servirá de alimento para outros no ano seguinte como: bacaba, açaí, buriti, taperebá, são os conhecimentos sobre coleta. Essas crianças, desde muito cedo, aprendem a lidar com os perigos e o labor da vida diária. Assim, os pais apresentam os conhecimentos aos filhos, ensinando com a realidade do local (MOREIRA, 2013, p. 79).

6 MOREIRA, Manduca Alice Jane. O impacto sociocultural da identidade Taurepang na comunidade Sorocaima I. (Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), UFAM, Manaus, 2013. <<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4224/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Jane%20Alice%20Manduca>

O professor indígena da comunidade Taurepang, Aurélio Alves Gonçalves, criou uma minigramática da língua indígena Taurepang como o objetivo de fortalecer a língua materna. De acordo com matéria publicada na G1 (10/06/2014) foram impressos 5000 exemplares da obra e distribuídos nas bibliotecas que trabalham no fortalecimento da língua indígena, como exemplo: Universidade federal de Roraima, Universidade Estadual de Roraima e demais instituições e órgãos voltados a temática indígena⁷. Segundo a fala do professor Gonçalves ao G1 a preocupação é com a possível extinção da língua Taurepang. A minigramática ajuda na valorização da língua “o que muitos estão deixando esquecida”.

Patamona ou Ingarikó – Com uma população total de 5.628 pessoas, habitam entre a tríplice fronteira, Brasil-Venezuela-Guiana, principalmente na Terra Indígena Raposa Serra do Sol. De acordo com a Folha de Boa Vista (29/03/2016) o povo Ingarikó se reuniu numa 1ª conferência para debater sobre técnicas de produção artesanais, religião e crença e novas tecnologias não indígenas na comunidade indígena Manalai – TIs Raposa Serra do Sol.



Figura 02 – 1ª Conferência do povo Ingarikó – 2016 - RR

Fotos de Marcelo Rodrigues (29/03/2016). Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/VARIEDADES/Cultura/Povo-Ingariko-discute-artesanato--religiao-e-novas-tecnologias/15093> Acesso: Junho de 2021

As figuras acima mostram a participação do povo Ingarikó na sua 1ª conferência. De acordo com a Folha de Boa Vista (2016) houve a participação de mais de mil indígenas nas discussões das temáticas da conferência citadas acima, “compartilhando cultura, métodos e costumes”.

Nota-se que o povo Ingarikó, principalmente da TI Raposa Serra do Sol vem desenvolvendo atividades ligadas ao ecoturismo na área do Monte Roraima do lado brasileiro (região de fronteira Brasil-Venezuela), além de oferecer aos turistas conhecer as lendas, as histórias, bebidas, além da culinária dos indígenas.

⁷ Fonte: Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2014/06/livro-de-gramatica-na-lingua-indigena-taurepang-e-lancado-em-roraima.html> Acesso: Maio de 2021.

A agricultura é a atividade que mais ocupa os Patamona ou Ingarikó e sua “economia política das aldeias Ingariké também movida por mutirões, isto é, pela reciprocidade manifesta mediante a participação no mutirão promovido por outrem (abrir roças, embarrear uma casa e plantar manivas são mais comuns). Eles tendem a ser animados e seguidos de confraternizações promovidas pelos anfitriões, que oferecem aos convidados comida e também bebida fermentada em abundância”. Sua principal bebida é o caxiri feita a base de mandioca e é bastante embriagante.

O povo Pantamona é conhecido também por ter o costume em comer diversos tipos de insetos e morar em casas enormes abrigando um número grande de parentela que varia entre 10 a 20 pessoas ou mais. Quanto à parentela do povo Pantamona, Riviére, (2001, p. 57) vem corroborar ressaltando que “o padrão ideal é de primos cruzados, bem como a residência uxorilocal⁸, como uma decidida preferência pela endogamia no interior da aldeia”.

1.1.4. Macuxi – Com uma população total de 30 mil pessoas, habitam regiões adjacentes ao Monte Roraima ao norte do Estado. O território Macuxi estende-se aos blocos territoriais: TI Raposa Serra do Sol, a TI São Marcos e em pequenas áreas no extremo noroeste de Roraima, nos vales dos rios Uraricoera, Amajari e Cauamé. Sua organização social se constitui por parentelas numa aldeia de forma aleatória e em pequenas casas, ou seja, em residência uxorilocal, assim como a comunidade Patamona: após o casamento o casal passa a morar na casa da noiva. Muitos dos povos Macuxi vivem no perímetro urbano nos mais diversos meios e espaços das cidades roraimense, principalmente em Boa Vista – Capital. De acordo com Santilli (1997):

Os Macuxi [...] foram compungidos a submeter-se à força às regras impiedosa da propriedade privada, e da acumulação de riquezas às expensas da expropriação de suas terras. Ainda assim, conseguiram preservar sua língua, seus costumes, sua organização social própria e, sobretudo, a liberdade e autonomia pessoal como valores fundamentais de sua sociedade (SANTILLI, 1997, p. 63).

Kong Grunberg (2006, p. 126) afirma que para os Macuxi. “o Monte Roraima é o berço da Humanidade”. “[...] aqui o herói de sua tribo, Macunaima, viveu com seus irmãos. Aqui com suas loucuras e cobiça, ele derrubou a árvore do mundo que dava todos os tipos de frutos bons. A copa caiu para o norte [...]”. Segundo a lenda Macuxi, Macuima é um espírito mal, ele derrubou a árvore da vida. Ele é muito mal.

As narrativas são bastante antagônicas com relação a mitologia sobre Macunaima, pois diferentemente dos evangélicos macuxi, os ancãos acreditam que Macunaima criou a humanidade e os diferentes povos que vivem em Roraima. De acordo com a matéria do G1 de 06 de maio de 2016 “Os índios da etnia Macuxi aguardam a segunda maior chuva do inverno para produzir um hábito milenar: comer arari, uma lagarta da maniva. O inseto é

⁸ Segundo Dicionário da Língua Portuguesa uxorilocal é relativo ao modo de residência de um novo casal em que os cônjuges habitam na casa ou na povoação da mulher

ingrediente único de um prato exótico saboreado por dezenas de gerações de índios. Mas a iguaria tem época para ser apreciada: as lagartas aparecem só em um período do ano, após as chuvas entre abril e maio⁹.

Percebe-se que entre os povos indígenas roraimense há uma grande diversidade cultural e também linguística. Trata-se da etnia mais populosa da nação indígena com aproximadamente 30 mil pessoas (macuxis) no Estado de Roraima segundo censo do IBGE 2010.

Os Macuxis cultivam a mandioca, milho, banana, melancia, ananás. É praticada a agricultura de coivara para a derrubada da mata, a queima da área de plantio. As mulheres têm a função de manter as roças limpas e fazer a colheita, além dos trabalhos domésticos e o artesanato. A alimentação também é a base de produtos derivados da mandioca, como farinha d'água, beiju, tapioca, além de outros alimentos como a batata doce, banana, abóbora, etc.

Quanto a religião, encontram-se presentes na comunidade Macuxi a religião católica e algumas denominações evangélicas. Não existe pajé na comunidade, porém existem benzedeiras, parteiras e rezadores.

Quanto a arte de produzir panelas de barro é artesanal e feitas por mulheres indígenas das Tis Raposa Serra do Sol. São peças feitas por encomendas ou para feira de exposição em Boa Vista –RR.

1.1.5. Waimiri-Atroari –Aproximadamente duas mil pessoas. Vale ressaltar que durante a construção da BR-174 em 1970, os índios foram reduzidos em 350 pessoas, após a morte de mais de 2,5 mil deles, em função das consequências da construção da BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, e das violências praticadas pelo governo militar para dobrar sua resistência à obra, naquele período. Encontram-se ao norte do estado do Amazonas e ao Sul do Estado de Roraima. Os Wamiri-Atroari se autodenomina de Kinja (gente verdadeira) e falam pouco a língua Portuguesa.

As aldeias estão localizadas perto de rios e igarapés, sendo que cada aldeia tem sua autonomia política, econômica e o poder descentralizado. Observa-se que as casas dos Waimiri-Atroari são ocupadas por grupos de parentescos que segundo Silva (2009, p.50), são considerados “como uma comunidade que vive sobre o mesmo teto, liderada por um “dono de casa” (mídyapîrem)”. Com a morte do “dono de casa”, a família residente na casa queima a antiga casa e escolhe um lugar diferente para construir outra moradia.

“Segundo a mitologia dos Waimiri-Atroari, antigamente todos os seres mitológicos e animais que habitavam a Terra eram gente e viviam no meio do povo Kinja (autodenominação Waimiri-Atroari). Um dia “choveu” muita pedra e todos pensaram que o mundo iria acabar, no entanto havia uma casa caju esteio central era de piria (pau d’arco), madeira que aguentou as pancadas das pedras. Na maloca moravam várias famílias e a partir delas surgiram os ascendentes dos atuais Waimiri-Atroari”¹⁰.

9 G1 RR 06 de maio de 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rr/roraima> > Acesso: Maio de 2021.

10 Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: < https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waimiri_Atroari > Acesso: Maio

“As atividades econômicas estão baseadas na caça, pesca, coleta de frutos silvestres e na agricultura. As caçadas são realizadas por homens e podem ser feitas no período noturno e diurno. As pescarias são atividades permitidas a ambos os sexos e é comum todas família sair para pescar. Outra atividade que conta com a participação de toda família é a coleta de frutos silvestres. Na agricultura percebe-se maior separação de trabalho, cabendo aos homens o desmatamento, a queimada e a limpeza. O plantio e a colheita são coletivos e todas as famílias participam dessa atividade dividindo coletivamente a sua produção, sendo a coleta uma atividade feminino”¹¹. A divisão das tarefas é de acordo com a idade, sexo e estado civil. As tarefas aumentam com a idade e diminui na velhice.

Outra atividade é a confecção de artefatos e são os homens que produzem os objetos para o artesanato feito por mulheres e as cestarias feitas pelos os homens que por sua vez ensinam o ofício aos jovens.

1.1.6. Wai Wai – Sua população encontra-se dispersos no estado de Roraima fixando mais ao sudeste do estado na fronteira com a Guiana.

A organização sociopolítica dos indígenas da etnia Waiwai está conectada com as relações de parentesco.

“Os Waiwai vivem da pesca, caça, coleta, agricultura e artesanato. Também como fonte de renda contam com benefícios do governo (aposentadorias, Bolsa família), a venda de artesanato, e salários enquanto professores indígenas e Agentes Indígena de Saúde (AIS)”¹². Em sua maioria a etnia Waiwai é formada por comunidade evangélica da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Quanto a religião dos Waiwai o Instituto Sociocultural (ISA) (2006)¹³ mostra a integração dessa etnia no mundo da Organização Missionária (MEVA) e na Missão Cristã Evangélica do Brasil (MICEB):

Desde sua instalação entre os Waiwai no início dos anos 1950, os missionários introduziram o ensino da escrita como forma de cumprir meta de catequese. Consideram este meio privilegiado para difundir a Bíblia, que eles traduziram na íntegra (o Novo e o Velho testamento). Em 2001, A UFM International (Pennsylvania/EUA) publica-a em colaboração com MEVA (Boa Vista/RR) sob o título “Kaan Karitan – A Bíblia Sagrada na língua Uaiwai”, que brilha com letras douradas em cada exemplar de capa dura negra, com mais de 600 páginas (em uma primeira tiragem de 4.000 cópias) (ISA, 2006).

“Howard (2002, p. 51) afirma que “os Waiwai tem buscado não apenas serem subordinados ao contato, mas em certo sentido eles tem buscado submeter este contato a seu próprio controle, buscando assimilar seus poderes e canalizá-los para seus próprios fins, de certa forma buscando canalizar a vitalidade de sua sociedade” Eles passaram por várias transformações com a implementação de escolas, a construção da BR 210, demarcação do seu território, etc. É um povo organizado na luta pelos seus direitos.

de 2021.

11 Ibidem n.p.

12 Extraído de: Comissão Pró Índio de São Paulo < <https://cpisp.org.br/quilombolas-em-oriximina/indios-e-quilombolas/povos-indigenas/waiwai/> Acesso: Maio de 2021.

13 Fonte: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waiwai> > Acesso: Junho de 2021.

Além da língua predominante da família linguística Karib as comunidades Waiwai falam outras línguas da família linguística Arawak (Mawayana, Wapixana). De acordo com matéria divulgada da revista: “Povos Indígenas no Brasil” – ISA (2006):

[...] Desde a chegada dos irmãos Hawkins, missionários-linguistas norte-americanos da Unevangelized Fields Mission (UFM), aprenderam a língua Waiwai, publicaram artigos analisando a sua estrutura e desenvolveram uma ortografia para ensinar aos Waiwai (e aos outros povos que a eles se juntaram) a ler e escrever.¹⁴

Segundo “Povos Indígenas no Brasil” – ISA (2006): “Os professores da etnia Waiwai dos estados de Roraima e Pará ensinam a língua indígena em algumas comunidades, porém faltam materiais escritos”.

Alguns indígenas com formação no Magistério procuram fortalecer a aprendizagem da língua indígena em algumas comunidades. São pouco os indígenas Waiwai que falam a Língua Portuguesa. Os que conseguem falar um pouco, aprendem mais com as visitas as cidades do que nas escolas. Segundo Howard (2002, p. 51) “os Waiwai tem buscado não apenas serem subordinados ao contato, mas em certo sentido eles têm buscado submeter este contato a seu próprio controle, buscando assimilar seus poderes e canalizá-los para seus próprios fins, de certa forma, buscando aumentar a vitalidade de sua sociedade”.

A atividade econômica dos Waiwai encontra-se na extração da Castanha do Pará e na produção da cultura da banana. A castanha do Pará é exportada para vários estados do Brasil por intermédio de revendedores, como os empresários. A banana é vendida nas feiras livres das cidades roraimense, como também exportadas para Manaus – AM. De acordo com matéria da revista Instituto socioambiental (2019)¹⁵ “o povo WaiWai publica Cartilha sobre manejo da Castanha do Pará”, maior fonte de renda da comunidade. Continuando, a revista mostra que na escola Estadual Indígena WaiWai, os alunos recebem orientações sobre a cartilha. “Eles recebem uma licença de 15 dias das escolas, observam o trabalho nos castanhais, muitos deles localizados a horas de barco distante das aldeias, e aprendem tudo sobre o manejo”.

Segundo a fala do professor Ricardo em entrevista para a referida revista o manejo da castanha já era explicado em sala de aula, mesmo antes da Cartilha. “Com a publicação, elas aprendem mais. Os pais sempre levam os filhos para os castanhais. Eles conversam, escutam. Por isso, é importante para a gente ensinar sobre a castanha também”. De acordo com a revista Instituto socioambiental, Roraima negociou em 2018, 100 toneladas de castanha do Pará com a empresa de pães Wickbold. O preço lata de 10 quilos chegou a R\$ 44, 76% acima dos R\$ praticados por atravessadores na região à época.

14 Extraído de revista Povos Indígenas no Brasil.

Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waiwai>> Acesso: Maio de 2021.

15 Fonte disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/para-inspirar-nova-geracao-povo-wai-wai-publica-cartilha-sobre-manejo-da-castanha>> Acesso: maio de 2021.

É uma população indígena que além de viver das atividades com a castanha do Pará, o cultivo da banana e o artesanato, também praticam a agricultura, a pesca e a caça de animais para o sustento alimentício da comunidade. A agricultura é de subsistência e representa mais ou menos 50% de suas atividades econômicas. As roças são preparadas a partir de derrubadas, queima (coivara) e limpeza para o plantio. Embora a agricultura seja para subsistências dos Waiwai, quando tem excedente de produtos, estes são vendidos nas cidades próximas. De modo geral pode-se dizer que os povos Waiwai tem uma prática econômica integrada ao mercado local e ao mercado de outros estados devido a comercialização da castanha.

Com relação ao artesanato, o trabalho nas comunidades Waiwai é dividido. As mulheres são hábeis em adornos de sementes de plantas, de miçangas e penas coloridas. Os homens são hábeis em fazer cestas com desenhos de animais e de figuras geométricas. A produção do artesanato é para vender no comércio de Boa Vista ou de outras cidades da região. O artesanato para os Waiwai tem muita importância e uma forte característica para a sua cultura.

1.1.7. Wapixana – Os Wapixanas formam uma população total de aproximadamente 13 mil pessoas, distribuídos na fronteira entre Brasil e Guiana e na região conhecida como serra da Lua e Surumu e Amajari na porção norte/nordeste de Roraima. Segundo Migliazza (1980, n.p.), o termo “Wapishshana” é utilizado para se referir ao falante de ambos os dialetos.

Assim como a etnia Macuxi, os povos Wapixana tem na sua organização social a figura do tuxaua como maior autoridade da comunidade e que é assessorado por um “capataz” e colaboradores como os professores, agentes de saúde, conselheiros, entre outros, sendo todos escolhidos através de reuniões comunitárias ocorridas no malocão das outras etnias.

Na política sócio-econômica dessa etnia se caracteriza com a participação da comunidade na agricultura onde é conhecido como Ajuri (sistema que constitui na ajuda mútua entre famílias quando se pretende abrir um a roça). A família convida os parentes mais próximos para contribuir nos trabalhos mais pesados. A ajuri abrange os trabalhos iniciais de derrubada (retirada das árvores de maior porte), broca (retirada de árvores secundárias e cipós) e a queima do material vegetal.

1.1.8. Ye'kwana - Os Ye'kuana estão distribuídos no estado do Amazonas, Sul da Venezuela e em Roraima ao longo dos rios Caura, Paragua, orinoco e Uraricoera no noroeste de Roraima, no município de Amajari e Alto Alegre. Na Venezuela a população Ye'kuana é aproximadamente 4.800 e no estado de Roraima em torno de 430 indígenas. Andrade (2018) no seu artigo intitulado : unidade e diferença : os Ye'kwana e suas relações com a fronteira binacional, a autora afirma que :

[...] no Brasil, são quatro aldeias Ye'kuana situada na porção noroeste de Roraima, na terra indígena Yanomami, três dela ao longo do Rio Auris

(Tajãdedatonnha, conhecida pelos não indígenas como Pedra Branca ; Fuduwaadunnha, conhecida como Auris e Kudaatannha, conhecida como Tucuxim\0 e uma situada ao longo do Rio Uraricoera (Waichannha, conhecida como Waikás) (ANDRADE, 2018, p. 57).

A etnia Ye'kuana vive na fronteira entre Brasil e Venezuela e são conhecidos como excelentes fabricantes e usuários de canoas. Vale ressaltar que o povo Ye'kuana tem um grande respeito pelas pessoas mais velhas da aldeia os quais são consultados para decisões da coletividade. Existe na tribo o círculo anciãos, cujos membros são chefes de família, como também há o círculo de jovens subordinados aos anciãos formados por homens sejam casados ou solteiros.

Os indígenas Ye'kuana vivem da agricultura, caça, peça e da coleta de frutos silvestres. Quanto a sua alimentação diária, eles buscam se alimentar de beiju (um tipo de tapioca feita da farinha de mandioca), de sopa feita do peixe com bastante pimenta, além das frutas, farinha grossa de mandioca, etc. De acordo com Andrade (2013) no artigo: Alteridade (in)corporadas : notas sobre a chefia Ye'kuana, a firma que entre entre 2005 e 2006, período em que viveu em Auris, terra dos Ye'kwana,

O então chefe político da aldeia encontrava-se com saúde bastante debilitada e aventava a possibilidade de transmitir, ainda em vida, o cargo de sucessor. Circulavam nos bastidores dois prováveis nomes para assumir o lugar de chefia. Ambos os candidatos eram homens na casa dos 40 anos, casados e chefes de seu grupo doméstico, composto por filhos solteiros e filhas casadas com seus cônjuges e filhos, como esperado em uma residência considerada « madura » em termos de desenvolvimento de Alteridades (in)corporadas seu ciclo doméstico, além de outros afins e consaguíneos « agregados ». O que desejo destacar é que ambos possuíam capital social e político que os colocava em condições de disputar a chefia de aldeia : chefiavam suas seções residenciais, conformadas por uma ampla parentela, e haviam atingido plenamente, portanto, o status de homem maduro (ANDRADE, 2013, p. 59-60).

Deve-se destacar que organização política do Ye'kuanos valoriza bastante a coletividade, sendo que a aldeia é administrada por um chefe denominado de tuxaua. A cooperação dos habitantes da aldeia é marca registrada no meio desse povo, pois para realizar atividades econômicas ou outras, levam as pessoas a se organizarem em mutirão para auxiliar na atividade. Vale ressaltar a existência da divisão de tarefas entre homens e mulheres. As mulheres por exemplo costumam cuidar das roças no plantio, conservação e colheita, enquanto que os homens cuidam do preparo da terra para o plantio, como derrubadas de árvores, coivara, entre outros, além da caça e da pesca.

1.1.9. Yanomami – “Seu território situa-se em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela, com aproximadamente uma área de 192.000 mil quilômetros. São povos indígenas relativamente isolados. De acordo com o Censo indígena 2010 a população Yanomami é de aproximadamente 15.414 pessoas.

Segundo a Comissão Pró- Yanomami (CCPY):

Nas décadas de 1979 e 1980, os projetos de desenvolvimento do Estado começaram a submeter os Yanomami a formas de contato maciço com a fronteira econômica regional em expansão, principalmente no oeste de Roraima: estradas, projetos de colonização, fazendas, serrarias, canteiros de obras e primeiros garimpos. Esses contatos provocaram um choque epidemiológico de grande magnitude, causando altas perdas demográfica, uma degradação sanitária generalizada em algumas áreas, graves fenômenos de desestruturação social [...] [...] As duas principais formas de contato inicialmente conhecidas pelos Yanomami, primeiro, com a fronteira extrativista e, depois, com a fronteira missionária, coexistiram até o início dos anos 70 como uma associação dominante no seu território (CCPY, 2021).¹⁶

Os Yanomami são os indígenas mais vulneráveis devido as invasões e ataques criminosos constantes de garimpeiros, embora sejam territórios que possuem proteção ambiental e mineral das legislações específicas. Não esquecendo, porém que os mesmos sofrem com doenças e desnutrição das crianças.

De acordo com a revista *Survival*¹⁷ (Movimento Global pelos Direitos dos Povos Indígenas) faz uma matéria sobre Davi Kopenawa, Líder e Xamã Yanomami. Segundo a referida revista:

Davi tem sido fundamental no processo de aproximar as diversas e distantes comunidades Yanomami. Em 2004, ele fundou a Hutukara, uma associação que defende os direitos do povo Yanomami e desenvolve projetos de proteção da terra, educação e saúde. Atualmente ele é presidente dessa organização. Diz a revista: [...] "a coragem, o espírito combativo e a tenacidade de Davi aparecem em seu nome Yanomami 'Kopenawa' que em sua língua significa vespa. O nome veio a ele durante um sonho xamânico quando os espíritos-vespa apareceram diante dele. Este foi o momento em que Davi começou a lutar contra a invasão da terra Yanomami por garimpeiros ilegais nos anos de 1980". Este episódio ficou conhecido como a "corrida do ouro" dizimou grande parte da população Yanomami (SURVIVAL, 2016).

A garimpagem ilegal em TI Yanomami, implica na destruição da natureza, além de causar muitos danos à saúde dos Yanomami e provocar a escassez de alimentos. Os conflitos provocados pela invasão de garimpeiros em terras yanomami provocam enormes danos ambientais. Entre eles o desmatamento, abertura de verdadeiras crateras na terra, como também os prejuízos provocados pelo uso do mercúrio na garimpagem causando danos irreversíveis aos rios, ao solo, além de prejudicar a saúde humana. De acordo com Queiroz (2016):¹⁸

O combate ao garimpo ilegal é um dos pontos de reivindicação das organizações de defesa dos direitos indígenas e está inserido no debate que versa sobre mineração. O garimpo ilegal em TIs é posto por essas organizações

16 Fonte: <http://proyanomami.org.br/v0904/index.asp?pag=htm&url=http://www.proyanomami.org.br/base_ini.htm#6> Acesso: Junho 2021.

17 Fonte: <<https://www.survivalbrasil.org/davibiografia>> Acesso: Junho de 2021.

18 (Dissertação de Mestrado em Sociedade e Fronteiras). UFRR, Boa Vista, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO1/Downloads/dissertao%20de%20mestrado%20-%20francisco%20robson%20bessa%20queiroz.pdf > Acesso: Junho de 2021.

como um dos exemplos dos malefícios socioambientais principalmente para as comunidades indígenas. Em Roraima, os povos indígenas conhecem com bastante efeitos da exploração mineral em seus territórios (QUEIROZ, 2016, p. 68)

A garimpagem em terras yanomami em Roraima cresceu cerca de 30% no ano de 2020 e no primeiro trimestre de 2021, de acordo matéria da G1-RR.¹⁹ Enfim, “o garimpo ilegal” é um dos principais fatores pela devastação de 2.400 hectares na maior área indígena do Brasil”. (GI-RR, 25.03.2021). Atualmente os índios Yanomami convivem com a malária, covid-19, desnutrição das crianças, ataques violência física, sexual e cultural de garimpeiros ilegais, posto que é defeso o exercício da atividade extrativa em terras indígenas, sem a competente anuência do Congresso Nacional, conforme estabelece o artigo 231 da Constituição Federal e o abandono do poder público.

De acordo com matéria publicada da G1(10.05.2021)²⁰ Dário Kopenawa, vice presidente da Hutukara afirma fala o seguinte: “atualmente há um surto de malária na região, o que implica em outras doenças, como a desnutrição” [...] “o combate a malária está prejudicado por falta de profissionais de saúde. “[...] o governo não está preocupado com os problemas que enfrentamos.

A organização familiar se dar mediante grande casa ou aldeia composta de moradores num emaranhado laços consanguíneos, uma vez que seus membros casam-se com parente, entre primos e primas, por exemplo. Embora autônomas as famílias Yanomami “mantêm uma rede de relações de troca matrimonial, cerimonial e econômica” como afirma a revista socioambiental.²¹ De acordo com Barazal (2001) os yanomami se classificam como, [...] “comunidades de sangue, porque tomam a família como base de toda sua organização social, promovendo as formações familiares, as linhagens e os clãs, segundo a lógica de parentesco”.



Figura 03 - Casa grande ou Aldeia Yanomami - RR

Foto de 2016. Fonte: < <https://survivalbrasil.org/ultimas-noticias/11504> >Acesso: Junho de 2021.

19 Fonte: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/03/25/garimpo-ilegal-avanca-30percent-na-terra-yanomami-em-um-ano-aponta-relatorio.ghtml> > Acesso: Junho de 2021.

20 Fonte: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/10/missionario-divulga-foto-de-crianca-yanomami-debilidade-em-rede-para-expor-falta-de-assistencia-a-indigenas-aldeias-abandonadas.ghtml>> Acesso: Junho de 2021.

21 Fonte: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>> Acesso: Junho de 2021.

O povo Yanomami alimenta-se da pesca, caça e de produtos cultivados nas roças, além do mel selvagem do qual colhem 15 diferentes tipos. Assim como em outras etnias, as mulheres são responsáveis no cultivo das roças e também em colher mariscos e larvas que compõem os alimentos dos Yanomami. Assim como a colheita do mel, o artesanato também é uma atividade que faz parte da economia dessa etnia. A produção de vários artigos artesanais, principalmente a de cestaria contribuem na economia dos yanomami. São produtos comercializados com o apoio da Hutukara Associação Yanomami.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises feitas, observa-se, portanto, que a identidade étnico-cultural dos indígenas roraimense está razoavelmente preservada, embora eles tenham incorporado alguns traços da cultura branca. O relatório sobre violência contra os povos indígenas do Brasil do CIMI (2019)²² ressalta que “[...] os territórios físicos que os povos indígenas ocupam se constituem em espaços simbólicos de identidade, produção e reprodução cultural. Eles não são, portanto, algo exterior à identidade, mas inerente a ela [...]”.

Enfim, em breve síntese histórica, pode-se afirmar que os indígenas de Roraima são constantemente violentados pelo garimpo ilegal, sofrendo vários tipos de agressões físicas e morais, em total desrespeito aos seus direitos constitucionais. A atividade garimpeira ilegal em terras Indígenas aumentou muito, causando sucessivos conflitos entre indígenas e garimpeiros. Os conflitos decorrentes da invasão de garimpeiros em TIs Yanomami predominam na atualidade, pois o cenário é de constantes ameaças e de conflitos armados contra o povo indígena e especialmente os yanomami. Cabe ao poder público, em todos os seus níveis, principalmente aos agentes federais ligados à ANM, à FUNAI, ao IBAMA e à Polícia Federal fiscalizar o uso ilegal das terras indígenas por não índios e exercer à implementação de políticas públicas voltadas à proteção da pessoa do índio, assim como ao seu patrimônio étnico-cultural. É Preciso eliminar os impactos negativos da mineração nos territórios indígenas com a finalidade de proteger o ser humano violado e a natureza comprometida. O benefício econômico não pode se sobrepor à dignidade da pessoa humana.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Karenina Vieira. «**Unidade e diferença: os Ye'kwana e suas relações com a fronteira binacional**» Anuário Antropológico, Brasília, UnB, 2018. Disponível: <file:///C:/Users/USUARIO1/Downloads/aa-3170.pdf> Acesso: Junho de 2021.

BARAZAL, Neusa Romero. Yanomami **Um povo em luta pelos direitos**. São Paulo, editora USP, 2001.

²² **Fonte:** < <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/relatorio-violencia-contra-os-povos-indigenas-brasil-2019-cimi.pdf> > Acesso: Junho de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

HERRMANN, Lucila. *Organização Social dos Valpidiana do Território de Rio Branco*. Tese de Mestrado, São Paulo: Escola de Sociologia e Política, 1946.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Políticas Culturais e Povos Indígenas, ????*

(Dissertação de Mestrado em Sociedade e Fronteiras). UFRR, Boa Vista, 2016. Disponível:

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Walzenaufnahmen aus brasilien 1911-1913**. Berl in: Berlin ner Phonogramm-Archi v, 2006.

MOREIRA, Manduca Alice Jane. **O impacto sociocultural da identidade Taurepang na comunidade Sorocaima I**. (Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), UFAM, Manaus, 2013

RAFFESTIN, J. C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTILLI, Paulo. **Ocupação territorial Macuxi: aspectos históricos e políticos**. In: BARBOSA, R. I.; FERREIRA, E.J.G. Castellón, E.G. (orgs). *Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima*. Manaus, INPA.1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.